

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

HISTÓRIA DA ARTE



Artista anônimo, séc. VIII

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

1

Considerações sobre a História e Idade Média

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito neste caso, em especial, a História.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação que explora o conhecimento sobre a humanidade no tempo e no espaço.

Portanto, todas as manifestações capazes de serem abordadas como “fontes”, ou seja, testemunhos de ocorrências humanas em quaisquer períodos, podem se tornar objetos de estudo quer seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais “logias” com as quais ela dialoga e convive.

Contudo, a História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim a tentativa de conhecer seus sentidos, significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras como as científicas ou filosóficas, todas contribuem para que aumente nossa capacidade de conhecimento sobre o ser humano e o mundo que o cerca.

Tudo aquilo que se diferencia da Natureza é Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais que realizamos ou produzimos, diz respeito ao conhecimento como um todo. Tudo é *significante* e produz *significado*.

Neste sentido a abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. Em nosso caso, as manifestações de caráter estético e visuais chamadas de Estilos ou Escolas.

Tais manifestações visuais incluem, além das grafias, incisões, desenhos, pinturas, esculturas também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais ocorrências que também serviram de apoio ou suporte para interações visuais que ocorreram ao longo do tempo.

Outra questão relevante é o hábito de marcar um percurso para trabalharmos em torno da história. Neste caso o percurso recorrente é o temporal, ou cronológico. Os estudiosos delimitam marcos, ou seja, acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período e o tomam como pontos de encontro de teorias, conceitos, leituras e interpretações para a sua compreensão. Assim definem o que comumente chamamos de Linha do Tempo.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” introduzida no século XIX proposta por Augusto Comte, é que orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali e é o que usamos como referência para organizar nosso percurso de leitura com foco na História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primevo, ou seja, Pré-histórico e outro posterior: Histórico.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificou por considerar que o marco inicial da História seria o surgimento da Escrita que, por sua vez, garantiria a existência de documentos que relatavam as ocorrências humanas e que seriam as *fontes primárias* para os estudos historiográficos.

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando de sua atuação no Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas. Mas apenas em 1822 é que Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a primeira fase da História propriamente dita, considerada então com História Antiga, ou Antiguidade e se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser o período que sucede o Antigo e antecede o Moderno, foco desta disciplina: o Medieval.

A Idade Média, Período Medieval ou, pejorativamente, Medievo compreende o intervalo de tempo que vai da queda do Império Romano do Ocidente em Roma, no século V em 476 d.C., até a queda do Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino, com a tomada de Constantinopla, pelos turcos no século XV, em 1456 d.C.

Inicialmente pouco valorizado por uma questão de preconceito instaurado a partir do Renascimento. Para eles a antiguidade Clássica greco-romana, era o marco inicial e entre aquele momento e o seu tempo, o Moderno.

Para os teóricos do Renascimento nada de relevante poderia ser considerado em relação ao Medievo. Entendido como um período de baixo desenvolvimento intelectual. Em geral, a delimitação desta periodização cronológica, toma por referência os fatos históricos do Mundo Ocidental e, em especial, da Europa deixando de lado as demais regiões do globo.

Obviamente nestas regiões também ocorreram fatos relevantes e capazes de se tornarem históricos, entretanto a falta de referências ou o baixo interesse nas pesquisas nestas áreas, mantiveram apenas as referências históricas dos colonizadores, no caso do Brasil, as referências à história europeia.

O período que corresponde à Idade Média na Europa dura aproximadamente mil anos. A sociedade, nesse período, se organiza em Feudos, propriedades rurais doadas pelos reis e mantidas por um senhor (Suserano), seus servos (Vassallos) e escravos. Os Vassallos deviam respeito, fidelidade e trabalho ao Suserano do qual dependiam.

Estas propriedades eram, praticamente, auto-suficientes em produção agrícola e outros bens e, aos poucos foram se tornando fortificadas e defensivas.

O poder era mantido pelos reis, pela nobreza, pelos senhores feudais e, principalmente, pela igreja. Neste contexto a Arte era dependente e mantida por eles, portanto, revela o interesse destes grupos dominantes.

No contexto medieval a produção artística era um ofício artesanal e organizado por meio das corporações de ofícios, as Guildas, nas quais havia uma hierarquia composta pelo Mestre, os Oficiais e os Aprendizes. Um mestre dominava o conhecimento numa dada área, mantinha a oficina, as ferramentas, o material e se responsabilizava pela administração, orientação dos oficiais e ensinamentos do aprendiz.

Neste sentido, pode-se dizer, que a formação artística era dependente do treinamento ao qual o aprendiz era submetido que durava, entre sete a doze anos. Durante esse período ele não recebia qualquer paga e era mantido pelo Mestre. Se conseguisse sobressair no seu trabalho poderia vir a ser Oficial (ser assalariado) e tentar chegar, um dia, a ser Mestre. O controle da qualidade, preço e quantidade de Mestres era definida pela Guilda.

Além das Guildas existiam também as Hansas, corporações de comerciantes e as Confrarias, corporações de religiosos.

A Idade Média se caracteriza pelo domínio da nobreza e do clero, logo, o poder, era compartilhado pela realeza, a nobreza e a religião. O clero se dividia em Alto (Papa, Arcebispos e Bispos) e Baixo (Padres e Monges).

A nobreza, também hierarquizada em alta e baixa. Alta nobreza composta pelos duques, marqueses e condes. Baixa nobreza pelos viscondes, barões e cavaleiros.

Os Vassalos eram diretamente vinculados ao Suserano e a ele deviam fidelidade e trabalho. Os escravos eram propriedade dos feudos. Os Vilões, viviam na vila mas eram livres. Enfim, a estrutura social era muito rígida.

O Feudo era a unidade política mais recorrente neste período. Composto por um território, normalmente destinado à exploração agrícola, dominado por um senhor suserano que determinava as condutas e comportamentos no seu domínio.

O senhor residia em geral num castelo, rodeado por uma vila cercada e organizada como uma fortaleza. A Talha, a Corvéia e as Banalidades eram obrigações financeiras.

A Arte, por sua vez, revelava a estrutura social na qual estava inserida. Seus temas, em grande parte, se ocupam da religiosidade seguidos, daqueles que mostram a nobreza e quase nada dos temas populares. Poucas são as manifestações conhecidas que não tivessem como foco a religião e suas divindades, o papa, os bispos, padres ou os reis, rainhas e a nobreza em geral.

A Idade Média geralmente é dividida em dois momentos distintos: Alta e Baixa Idade Média.

A Alta Idade Média compreende o primeiro período (476 até o ano 1000) e a Baixa Idade Média (séculos XII a XV).

A Alta Idade Média é caracterizada pelo surgimento dos Reinos Independentes e também pelo surgimento e consolidação do sistema Feudal.

A Baixa Idade Média é caracterizada pela continuidade do sistema Feudal mas também por uma grande conquista de caráter cultural e intelectual, a fundação das Universidades.

Bolonha, em 1158; Paris, em 1200; Cambridge, em 1209; Pádua, em 1222; Nápoles, em 1224; Toulouse, em 1229, entre outras.

A partir da fundação das Universidades, surge a Escolástica, uma condução teórica que tenta conciliar as questões da filosofia, grande parte de origem grega, com o pensamento cristão.

A Escolástica definiu dois projetos de estudo: O Trivium (gramática, retórica e dialética) e o Quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música).

Além da influência do pensamento grego via Platão e Aristóteles segundo os pensadores cristão como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Em todo caso, nunca se admitiu a predominância da razão sobre a religião.

Um grande evento que marca a Idade Média é a instauração das Cruzadas. Uma ação da Igreja Católica, cristã, chamada Guerra Santa, iniciada contra os Turcos muçulmanos na tentativa de retomar a Terra Santa: Jerusalém. O nome Cruzada se deu, a posteriori, por conta dos guerreiros inscreverem em suas roupas a Cruz Vermelha.

Costuma-se dizer que ao todo ocorreram nove Cruzadas no entanto, é possível constatar, que a Cruzada foi um movimento quase que contínuo de 1096 até 1272.

A fundação das ordens de Cavaleiros de São João de Jerusalém (hospitalários) e dos Templários, combateram com vigor as investidas muçulmanas.

Olhando o contexto Medieval pode-se destacar alguns fatos relevantes:

476 - Bárbaros germânicos invadem e derrubam Império Romano do Ocidente.

481 - Clóvis é proclamado rei do Reino Franco.

493 - Teodorico funda o reino ostrogodo da Itália.

527 - Justiniano assume o trono do Império Romano do Oriente.

622 - Fuga de Maomé de Meca para Medina, conhecido como Hégira.

711 - Início da invasão e conquista dos árabes no sul da Península Ibérica.

800 - Carlos Magno é coroado imperador.

843 - Tratado de Verdum: estabeleceu a divisão do Império Carolíngio.

987 - Hugo Capeto é coroado rei da França.

1095 - Organização da Primeira Cruzada pelo papa Urbano II.

1118 - Criação da Ordem dos Cavaleiros Templários.

1122 - Concordata de Worms: fim da primeira fase da Questão das Investiduras entre o Sacro Império Romano-Germânico e o papado.

1163 - início da construção da Catedral de Notre-Dame de Paris.

1231 - O papa Gregório IX institui a Inquisição.

1265 - Origem do Parlamento na Inglaterra.

1351 - Instituído na Inglaterra o Estatuto dos Trabalhadores, cujo objetivo era o controle dos salários e o mercado de trabalho no país.

1358 - Na França ocorrem várias revoltas camponesas contra a exploração dos senhores feudais, conhecidas como jaqueries.

1347 - tem início a epidemia de Peste Negra na Europa.

1415 - os portugueses conquistam a cidade de Ceuta. Tem início o período das Grandes Navegações e descobrimentos marítimos.

1337 a 1453 - Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França.

1378 a 1417 - Grande Cisma do Ocidente a crise da Igreja Católica.

1429 - Joana D'arc comanda os franceses na conquista da liberdade do domínio inglês.

1439 - João Gutenberg, desenvolve o sistema de impressão com tipos móveis e inventa a imprensa.

1453 - Tomada de Constantinopla. Os turcos otomanos invadem e dominam o Império Bizantino Fim do Império Romano do Oriente.

Olhando para estes marcos históricos é possível expandi-los em estudos que aprofundem o conhecimento sobre este período, entretanto, o que nos motiva é o percurso da Arte, logo, vamos focar nele a abordagem que faremos sobre este período destacando as ocorrências que marcaram as manifestações artísticas como tais.

Entretanto, devemos lembrar que os períodos definidos pelos historiadores ou teóricos da história não devem ser tomados com precisão absoluta já que, muitos deles, são definidos por eventos, ocorrências geográficas e temporais, mas, nem sempre, em comum acordo com outros pesquisadores.

Nossos estudos consideram sempre o percurso histórico como um fluxo contínuo, que pode ou deve ser recortado pelo foco ou interesse da pesquisa no momento de cada abordagem.

Nesse sentido, os estudos sobre a Idade Média considera o período anterior Paleo-Cristão, como premissa necessária e fundadora.

2

A Arte na Idade Média

Ao observarmos as ocorrências estéticas manifestas no Período Medieval, podemos destacar dois campos relevantes para a sua compreensão:
O Arquitetônico e o Plástico.

O Arquitetônico se constitui na principal fonte de conhecimento, mesmo porque, os demais como a escultura, os mosaicos, a pintura e a ornamentação em geral, são encontrados na sua estrutura constitutiva e construtiva, portanto, integrados a ele.

No campo Plástico podemos destacar o Desenho e a Pintura, em grande parte das vezes por meio das Iluminuras, o Mosaico e a Escultura como parte da estrutura arquitetônica e demais manifestações vinculadas à ornamentação, adereços, objetos e mobiliário.

Neste período são destacados três grandes estilos o Bizantino, o Românico e o Gótico, embora, como já alertamos, não é possível tratar de cada um como estanque sem entender as relações e intervenção e reciprocidade entre eles e os estilos anteriores.

2.1 ***Arquitetura Medieval.***

A Arquitetura Medieval é devedora da arquitetura que surge no Império Romano, especialmente, nos seus últimos momentos.

Portanto, os processos construtivos praticados nos primeiros momentos da Idade Média permanecem os mesmos dos anteriores, logo não há mudanças radicais.

Os construtores dominam certos materiais e técnicas cujas mudanças são lentas e graduais, assim é normal que os processos praticados e os estilos recorrentes, tendem a se manter por muito tempo. É o que acontece nos períodos mais longos.

Como vimos, as Guildas Medievais controlavam vários processos técnicos, inclusive os da construção. O principal marco da vida Medieval é a Religião, logo, a Arquitetura é marcada pela construção dos templos: as Igrejas. A perseguição aos cristãos termina com o Imperador Constantino I, em 330 d.C., ainda no século IV que se converte ao cristianismo.

Tão logo o Cristianismo é aceito na sociedade Romana, surge a necessidade de encontrar um espaço capaz de abrigar muitas pessoas nos seus cultos. O único espaço disponível para conter um grande número de pessoas era a Basílica. A Basílica romana era parte do Forum Romano um espaço multifuncional que servia ao comércio, julgamento e reuniões comunitárias.

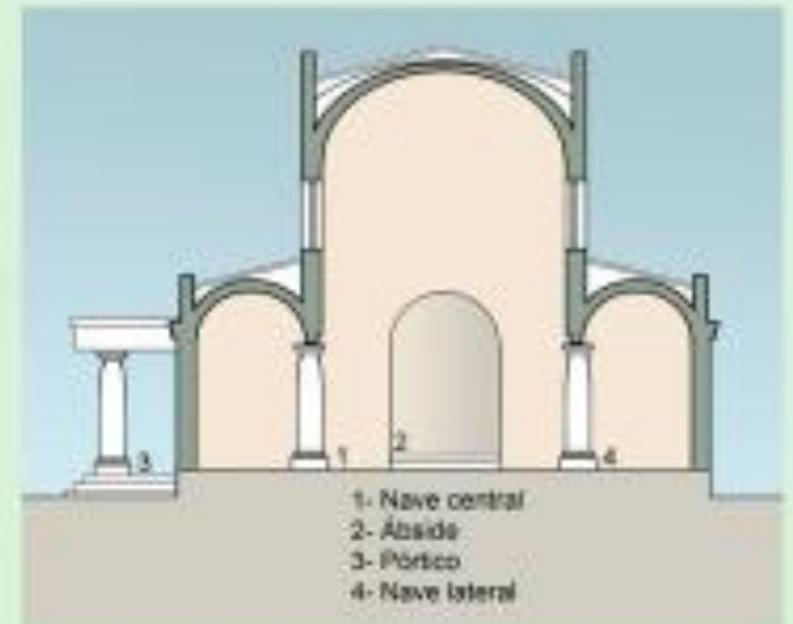
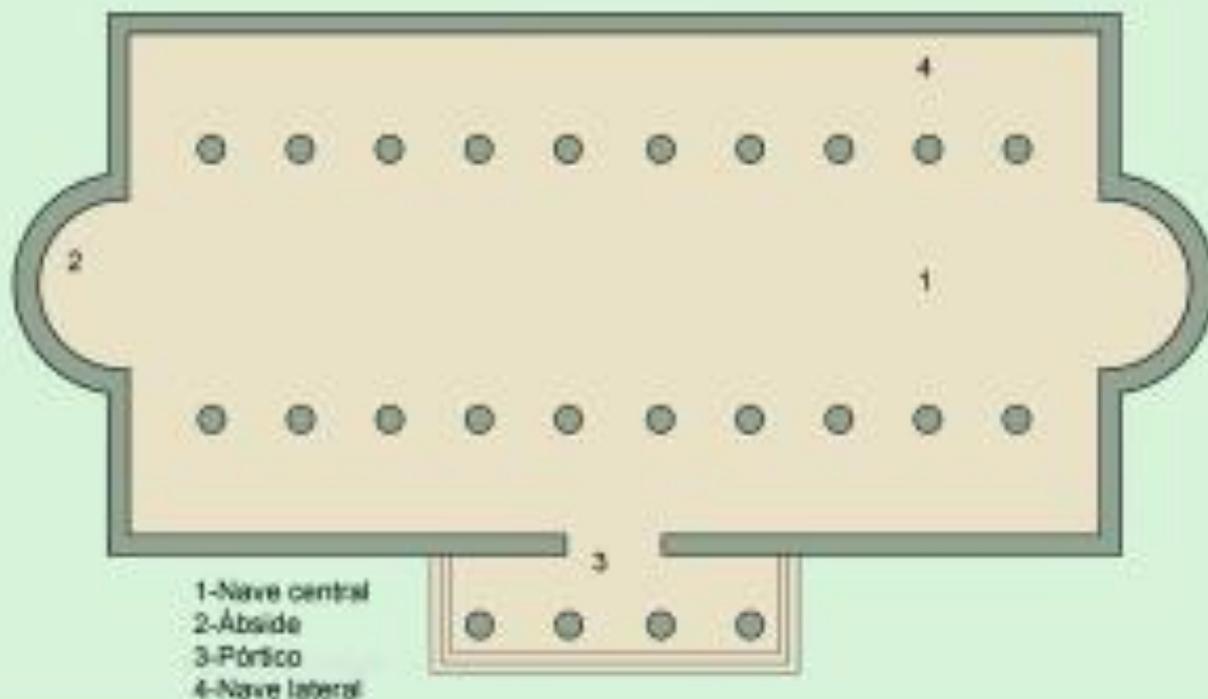
Podemos destacar a Arquitetura Basílica dos últimos momentos do Império Romano, como a predecessora ou precursora da Arquitetura Medieval. Temos então um contágio da arquitetura praticada no período Paleocristão, para o período posterior, o Medieval.

O nome Basílica deriva de Basileu que era uma espécie de juiz presidente das seções de julgamento ou discussão comercial na Basílica. Foi assim que a Basílica passou a compor o universo da Cristandade: por conta de ser o maior espaço disponível no período do Império Romano.

O Imperador Constantino I, o Grande, se converte ao Cristianismo e faz construir várias Basílicas na diferentes regiões do Império para para estimular os cultos cristãos.

Portanto várias Basílicas são construídas no século IV e, por isso, se tornaram um marco referencial para a arquitetura Medieval.

Os materiais disponíveis para as construções incluíam também o desmanche dos templos anteriores, ou seja, tudo aquilo que pudesse ser utilizado na estrutura ou ornamentação da construção era usado. Por isso muitas construções de uma dada época podem apresentar elementos de outras épocas.



Planta e corte típicos de uma basílica romana.

A Basílica era uma construção comum no Império Romano, também de origem grega, portanto, não era originariamente destinada aos cultos religiosos, mas sim às atividades civis.

<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>

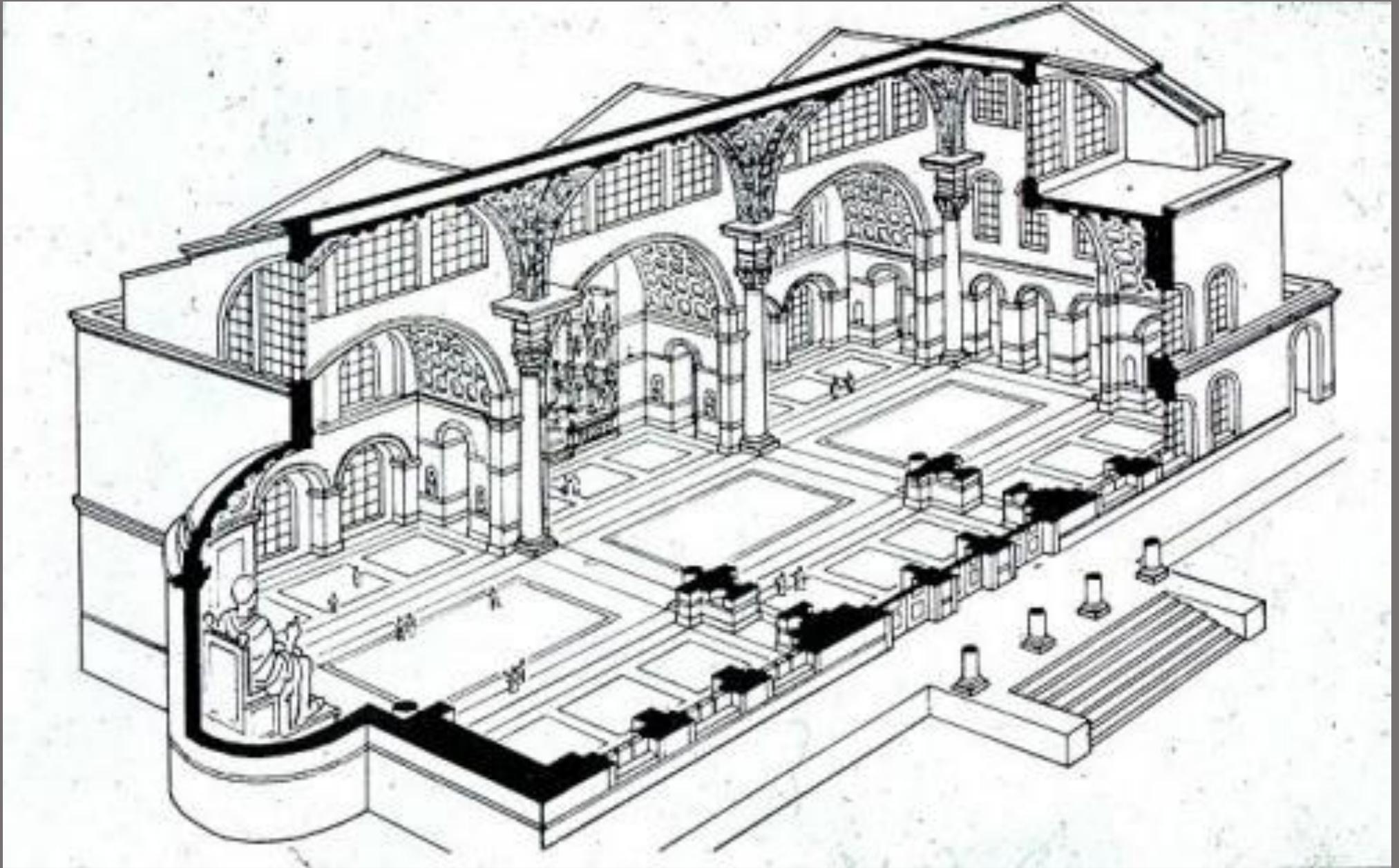
A principal característica destas construções era sua dimensão. Dai o uso como espaço religioso nos primeiros momentos da liberação do cristianismo no Império Romano.

Muitas das construções basilicais não resistiram ao tempo e desapareceram. Outras foram reconstruídas em momentos posteriores e perderam sua aparência original, adquirindo o estilo do período no qual foram restauradas. No entanto, vale a pena rever algumas delas como referência histórica.

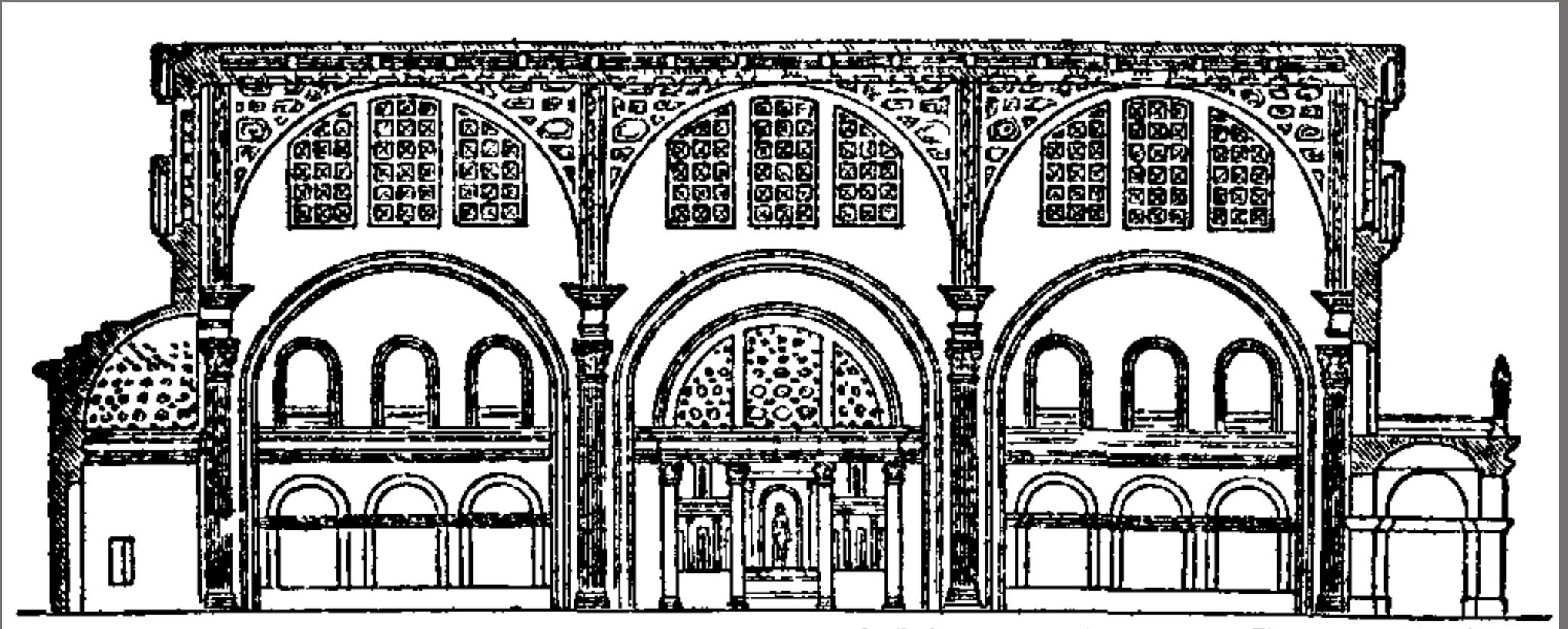
Uma das primeiras construídas por Constantino I foi a de Magêncio ou Constantino, construída no século IV, em Roma, da qual restam apenas as ruínas.



Basílica de Constantino e Magêncio, Roma.



<http://arte.laguia2000.com/wp-content/uploads/2014/09/36.-Planta-de-la-Basilica-de-Majencio-150x150.jpg>



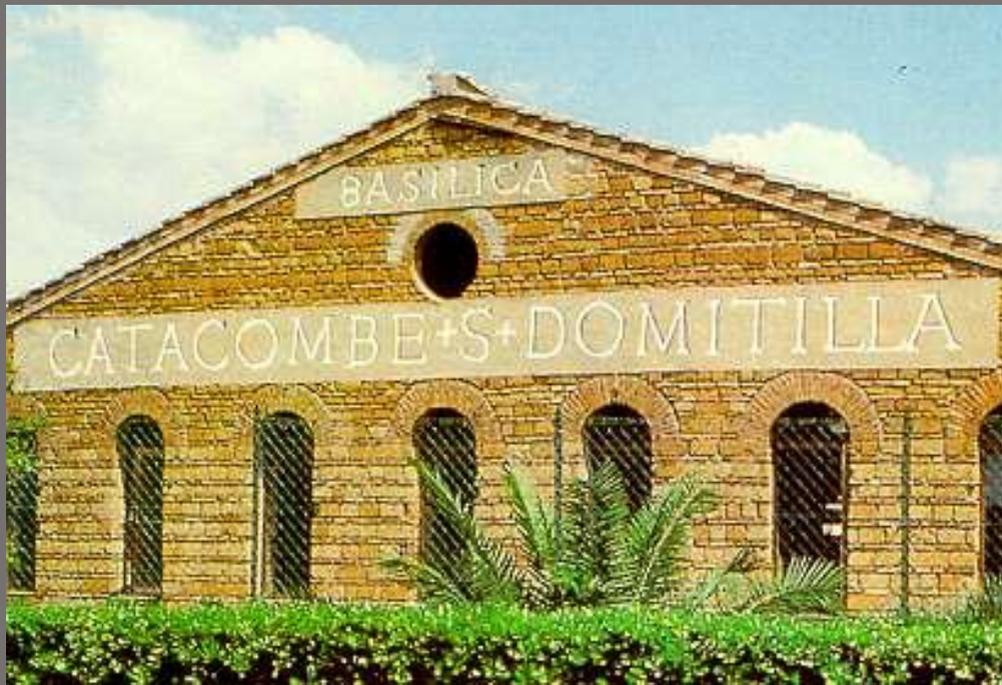
Basílica de Magêncio ou Constantino, IV

Basilica di Massensio e Constantino - Rome Italia
Foto: Alexander Z it.wikipedia.org



Outra destas antigas basílicas é a de Sta. Domitila, construída sobre as Catacumbas de Santa Domitila em Roma.

<http://www.estilosarquitectonicos.com.br/arquitetura-paleocrista.php>







Entre as primeiras Basílicas podem ser citadas: São João de Latrão (San Giovanni Laterano), em Roma, 318 d.C. sendo que da basílica original nada reste, embora o complexo reconstruído ou restaurado de Latrão incluindo o palácio, muito mais recentes, permanecem.



Gravura de 1752 na qual aparecem a basílica e o palácio

